



***FRE
DOUGLA***

DERICK

SS

**NARRATIVA DA VIDA
DE FREDERICK DOUGLASS**
UM ESCRAVIZADO AMERICANO

tradução de

LUCIANA SOARES DA SILVA

apresentação e notas de

FÁTIMA MESQUITA

ilustração de

LUIZ MELLO



© Panda Books

Direção editorial **Marcelo Duarte, Patth Pachas e Tatiana Fulas**
Gerente editorial **Vanessa Sayuri Sawada**
Assistentes editoriais **Henrique Torres, Laís Cerullo e Samantha Culceag**

Coordenação da coleção **Fernando Nuno e Silvana Salerno**
Design **Casa Rex**
Ilustração **Luiz Mello**
Revisão de tradução **Ana Clemente**
Preparação **Nina Rizzo**
Revisão **Maurício Katayama e Regina Rodrigues de Lima**
Imagem p. 1 **Frederick Douglass** © B. F. Smith & Son/Library of Congress
Impressão **Ipsis**

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

D768n
Douglass, Frederick, 1818-1895
Narrativa da vida de Frederick Douglass: um escravizado americano / Frederick Douglass;
tradução Luciana Soares da Silva; apresentação e notas de Fátima Mesquita; ilustração
Luiz Mello. – 1. ed. – São Paulo: Panda Books, 2023. 152 p.; 23 cm.

Tradução de: Narrative of the life of Frederick Douglass, an American slave
ISBN 978-65-5697-288-6

1. Douglass, Frederick, 1818-1895. 2. Abolicionistas – Estados Unidos – Biografia.
I. Silva, Luciana Soares da. II. Mesquita, Fátima. III. Mello, Luiz. IV. Título.

23-84472

CDD: 973.8092

CDU: 929 Douglass, Frederick



Meri Gleice Rodrigues de Souza – Bibliotecária – CRB-7/6439

2023

Todos os direitos reservados à Panda Books.

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41

05413-010 – São Paulo, SP

Tel./Fax: (11) 3088-8444

edoriginal@pandabooks.com.br | www.pandabooks.com.br

Visite nosso Facebook, Instagram e Twitter.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Original Ltda. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.



ered near... that he...
... I... to...
... with...

... The name...
... a very long and...
... present...
... having...

... need...
... as...

... John...
... and...

... on...
... was...

... the...
... was...

... was...
... the...
... was...

... the...
... was...

... the...
... was...

APRESENTAÇÃO p. 11

PREFÁCIO p. 19

CARTA DO EX^{MO}
WENDELL PHILLIPS p. 29

APÊNDICE p. 137

MAPA DE PERSONAGENS p. 148

BIOGRAFIAS p. 150

I

p. 33

II

p. 39

III

p. 45

IV

p. 51

V

p. 57

VI

p. 63

VII

p. 67

VIII

p. 75

IX

p. 81

X

p. 87

XI

p. 121

of the
44th Regt
of the
1st Div
of the
Army
of the
United States

of the
44th Regt
of the
1st Div
of the
Army
of the
United States

of the
44th Regt
of the
1st Div
of the
Army
of the
United States

of the
44th Regt
of the
1st Div
of the
Army
of the
United States

of the
44th Regt
of the
1st Div
of the
Army
of the
United States



PANDA BOOKS

APRESENTAÇÃO

SOPA IMORTAL DE LETRINHAS NÍVEL HIGHLANDER MASTER

Então, aqui está você, decidida(o) — ou ao menos tentada(o) — a ler um clássico, um conjunto de palavras e ideias que um belo dia saiu da cabeça de uma escritora ou um escritor e que vem vindo, ano após ano, enredando leitores de todo tipo, de toda idade, de toda língua, de toda natureza. O que você tem nas mãos — se liga — já é só por isso um tesouro, porque, quando você mergulha na trama e no drama de um clássico, está participando de uma experiência coletiva inacreditável. Sente o poder?

Pois os clássicos são isso mesmo: são puro poder. Eles são o que fica, o que não se apaga, não se deleta, e a gente logo detecta que, vira e mexe, eles se esticam, crescem, muitas vezes virando filme, influenciando novos autores, roteiristas, letristas de música, poetas, autores de novelas, conversas de boteco e muito mais — sim, porque às vezes eles influenciam até a maneira como a gente vê o mundo, como se comporta nele... É um poder cósmico e concentrado aí numa sopa imortal de letrinhas nível *highlander master*! Bora encarar?

Ah, eu entendo. Às vezes a linguagem é tão estranha que a gente tropeça e cai de boca na preguiça. Outras vezes, o desânimo vem de trechos de descrição sem fim, ou uma cuspição de referências que cansam, umas trancas chatas, viu? E é verdade: tem uns períodos do passado escrito da

nossa história de seres humanos em que as pessoas pareciam bater palma e passar pano direto pra isso na literatura.

Mas imagino cá com minhas teclas que você tenha uma cabeça aberta, certo? Então, escancara mesmo, se deixe levar por países, cidades, tempos, costumes, leis, tradições, sabores e amores tão distantes da gente, mas tão pertinho da nossa humanidade. Se larga aí num canto gostoso, se esparrama num sofá, ou cava espaço no aperto do trem, no sacolejo do ônibus, na zoeira do metrô e mergulha no classicão que aqui está. Você irá automaticamente adentrar uma *rave* de milhões de almas, de agora e do passado, que já curtiram o que você está prestes a decodificar neste instante. E deixe com os beques aqui a defesa da sua sanidade, porque a gente incluiu nestas páginas uma montanha de comentários que vão facilitar sua leitura, esclarecendo palavras, revelando contextos e tretas variadas — e várias vezes até abrindo novas portas para outras curiosidades que têm a ver com a história. E tudo isso com um bom humor danado! Então seja bem-vinda(o) à nossa coleção de clássicos internacionais: mete os peitos, *pow!*

FRED, FORÇA, FUGA E REINVENÇÃO

Frederick nasceu com tudo para dar errado. Nasceu quando certos brancos haviam decidido que podiam fazer a maldade absoluta de escravizar certos negros. Nasceu com o sobrenome de Bailey numa época e num lugar onde ele, por lei, não podia ser nada mais que uma coisa, uma propriedade. Só que o Fred era um lutador daqueles brabos e, apesar de tudo contra, conseguiu dar uma voadora no destino, passando a viver como sujeito livre, acreditado, um pensador, um escritor e, sobretudo, um agitador, um ativista dos direitos humanos que ajudou a fazer mudanças fundamentais acontecerem.

A semente da sua vida brotou numa fazenda do estado de Maryland, nos Estados Unidos, e sem data exata. A mãe ele conheceu, mas pouco, porque era parte do absurdo escravocrata separar bem rapidamente os bebês das suas mães. Sobre o pai ele não tinha certeza alguma, apesar

de uma forte desconfiança. O que Fred sabia bem era que era preciso insistir e resistir. E assim foi.

Ainda menino, Frederick foi despachado para outra fazenda e depois enviado para trabalhar numa casa em Baltimore. Na adolescência, ele teve outros endereços, mas sempre na mesma levada de opressão, pancadaria, injustiça e falta de acesso a coisas básicas que iam desde comida e cobertor até educação e, claro, aquela querida nossa, a liberdade.

Fred, no entanto, tinha esperança, mais o companheirismo de outros escravizados, e foi com a força própria e o vigor desse senso de coletivo que ele deu dribles incríveis na sua sina, ensinando a si próprio (e a outras pessoas) a ler e a escrever, fugindo duas vezes até encontrar um lugar onde ele pudesse ser de fato um cidadão e, a partir daí, deixando uma marca indelével na história do seu país; até chegou a ser conselheiro de Abraham Lincoln e Andrew Johnson, presidentes dos Estados Unidos.

No final, Fred morreu como homem livre, com o sobrenome de Douglass, que escolheu quando estava naquele processo de se reinventar em fuga. Morreu no dia 20 de fevereiro de 1895, em Washington, com mais ou menos 77 anos, depois de dois casamentos, cinco filhos, três livros, a fundação de alguns jornais e uma linda luta não só pela abolição, mas também pelos direitos das mulheres e contra a segregação racial.

SUA ARMA? PALAVRAS!

A obra do homem é extensa, e toda, toda recheada de propósito. O cara escreveu para revistas e jornais, e foi autor de inúmeros discursos, dentre eles o fantástico *What to the Slave Is the Fourth of July?* (O que significa o dia 4 de julho para o escravizado?), datado de 1852. Em termos de livros, todos de memórias, temos esta *Narrativa* de 1845, que foi um verdadeiro best-seller! Na sequência vieram *My Bondage and My Freedom* (Minha servidão e minha liberdade), de 1855, e ainda *A vida e a época de Frederick Douglass*, de 1881.

Muita gente também escreveu sobre ele ou usou parte dos seus escritos para compor antologias. E o nome do Fred

batizou ponte, escolas e monumentos. Sem falar que o cara foi nada menos que o homem mais fotografado nos Estados Unidos do século XIX. Ou seja, bota celebridade nisso!

CONTRA AS CONTROVÉRSIAS

As coisas, no entanto, eram tudo, menos simples. Depois de livre, nosso lutador lidou no dia a dia com o preconceito em toda parte: trens, restaurantes, hotéis e pousadas separavam negros num canto e brancos noutra e havia muito aquele clima azedo antinegro no ar e que ainda hoje existe, mesmo que de forma mais despistada ou até mesmo diluída.

O cara também caiu em algumas ciladas, como uma acusação de ter participado de um protesto em que ele não estava, e que o levou a passar um tempo escondido no Canadá. Ou quando ele assumiu a presidência de um banco feito para ex-cativos e que estava mal das pernas. O troço faliu geral quatro meses depois e o deixou com uma fama meio ruim por um tempo.

Houve também outros momentos tensos, como quando ele convenceu dois filhos seus a irem pra batalha na Guerra de Secessão (a guerra civil dos Estados Unidos, de 1861 a 1865) ou quando se casou com a sua secretária branca e muitos anos mais nova após a morte da sua primeira esposa. Ah, sem falar no seu romance de 28 anos com Ottilie Assing, uma escritora e jornalista branca, filha de um médico alemão e judeu com uma mulher luterana.

Por fim, tem quem acuse seus escritos — em especial este livro aqui, seu primeiro — de ter muito do dedo dos brancos que lutavam pela abolição e que ficavam controlando um pouco do que Fred escrevia. Mas, cá entre nós, o Fred é maior que tudo isso. É um pioneiro, um exemplo, um destemido, um resistente. Sua vida não foi perfeitinha feito *script* de mocinho de Hollywood. Mas, cara, o homem fez história. Com um H bem maiúsculo.

Fátima Mesquita

MOMENTOS IMPORTANTES DA VIDA DOS ESTADOS UNIDOS ENQUANTO FRED ERA VIVO

1776 – Declaração da Independência: na Constituição, eles até escrevem *that all men are created equal* [que todos os homens nasceram iguais], mas se esquecem de colocar aí que eles estavam se referindo só aos homens brancos, certo?

1807 – O governo proíbe a importação de pessoas negras, de escravizados. A medida é bem-vinda, mas faz aumentar ainda mais o comércio de pessoas dentro das fronteiras entre estados. Além disso, crianças que nascem de mãe escravizada ganham de brinde o mesmo papel de escravizadas para a vida toda.

1861 – Começa a Guerra de Secessão nos Estados Unidos, que coloca o Sul (os Confederados) e o Norte (União) do país numa disputa que termina com mais de 600 mil mortos. O conflito surge por conta da divergência de ideias sobre a abolição – tendo o Sul como o grande perdedor. Secessão quer dizer separação – começou com alguns estados do Sul dos Estados Unidos se separando, como que para formar um país diferente, porque nos estados do Norte estava forte o movimento para abolir a escravatura, que os do Sul queriam manter.

1863 – Proclamação da Emancipação: o presidente Abraham Lincoln banca a briga e assina um documento garantindo a liberdade imediata dos escravizados em cada estado confederado do Sul assim que fosse conquistado pela União.

1865 – Fim da Guerra de Secessão. Lincoln é assassinado. A proibição da escravidão entra para a Constituição por meio da 13ª Emenda.

1870 – Os negros passam a ter direito de voto com a chegada de mais uma emenda, a 15ª, à Constituição dos Estados Unidos.

1895 – Morte de Douglass.

PANDA BOOKS

Publicado pelo Escritório Antiescraavidão, nº 25, Cornhill. Entregue por Frederick Douglass, de acordo com Ato do Congresso, em 1845, ao escritório do Escrivão do Tribunal Distrital de Massachusetts.

O número 25 da rua chamada **Cornhill** era o endereço em Boston em que o **escritório da Sociedade Antiescraavidão de Massachusetts** funcionou de 1854 a 1859. A entidade organizava reuniões, publicava livros, escrevia petições e bancava palestrantes para falar em defesa da abolição (e dos direitos das mulheres) onde houvesse uma chance. Servia também como base de apoio para fugitivos, ajudando o pessoal a encontrar trabalho, entre outras coisas.

PANDA BOOKS

PREFÁCIO

NO MÊS DE AGOSTO DE 1841, participei de uma convenção abolicionista em Nantucket, na qual tive a felicidade de conhecer FREDERICK DOUGLASS, o autor da história a seguir. Ele era um estranho para quase todos ali; porém, tendo fugido havia pouco de uma prisão sulista de escravizados¹, e ansioso por verificar os princípios e as ações dos abolicionistas – sobre os quais havia escutado falar de uma forma um tanto vaga quando ainda era escravizado –, ele se sentiu persuadido a comparecer ao evento, na ocasião aludida, embora na época residisse em New Bedford.

Afortunado, o mais afortunado acontecimento!... Afortunado na opinião de seus milhões de irmãos acorrentados que ainda tinham esperança de se ver livres da terrível escravidão! Afortunado pela causa da emancipação dos negros e da liberdade universal!

Afortunado pela terra de seu nascimento, que fez tanto para salvar e abençoar! Afortunado pelo seu grande círculo de amigos e conhecidos, cuja simpatia e cuja afeição tinha plenamente asseguradas pelo sofrimento que suportou, por seus virtuosos traços de caráter e pela lembrança constante dos que ainda estavam acorrentados, com os quais mantinha um laço. Afortunado pelas multidões, em

Importante porto de Massachusetts ligado à indústria do óleo de baleia no século XIX, **New Bedford** era um dos destinos preferidos dos negros que fugiam da escravidão no Sul do país. Em 1853, a cidade tinha mais afro-americanos que qualquer outra dos Estados Unidos e – por isso mesmo – era um centro abolicionista.

¹ Esta tradução de Frederick Douglass usa a palavra “escravizado” também como substantivo (forma já dicionarizada), por corresponder a uso que se tornou corrente em nossa língua, conferindo atualidade e candência ao significado obtido com o termo “escravo”, empregado tradicionalmente. (N. do E.)

A palavra grega *páthos* significa sofrimento. É usada quando uma fala, uma música, uma peça de teatro, um texto, um quadro ou uma experiência desperta na gente uma tristeza misturada com empatia e compaixão.

A tragédia *Hamlet*, escrita por William Shakespeare, segue a obsessão do jovem príncipe Hamlet por descobrir a verdade sobre a morte do pai para poder vingá-lo e demonstrar que é “um homem”.

A expressão “um pouco abaixo dos anjos” evoca a Bíblia, no Salmo 8:5: “Pois pouco menor o fizeste do que os anjos, e de glória e de honra o coroaste”.

Foi na botânica e na zoologia que apareceu o conceito de **raça**, para ajudar na classificação dos tipos de seres vivos. No século XVII, foi feita uma divisão do humano em três raças: branca (europeia), amarela (asiática) e negra (africana), colocando a branca acima das outras. Aí está a raiz do nosso racismo estrutural que permanece até hoje.

várias partes de nossa república, cujas mentes iluminou no que diz respeito ao tema da escravidão, e que foram levadas às lágrimas por seu *páthos*, ou despertaram para uma indignação virtuosa graças à sua comovente eloquência contra os escravizadores de homens! Afortunado por ele mesmo, pois, de uma só vez, esse acontecimento o levou a se tornar uma figura modelar, “para o mundo saber o que é um **HOMEM**”, avivou as energias adormecidas de sua alma e o consagrou à grande obra de quebrar o bastão da mão do opressor e libertar os oprimidos!

Nunca me esquecerei de seu primeiro discurso na convenção: a extraordinária emoção que despertou em minha mente; a marcante impressão que criou no auditório apinhado, totalmente pego de surpresa; os aplausos que acompanharam suas oportunas observações do início ao fim. Acredito que nunca odiei a escravidão de forma tão intensa quanto naquele momento; minha percepção do enorme ultraje que é infligido por ela à natureza divina de suas vítimas ficou mais evidente do que nunca. Ali estava um homem, em proporção física e estatura, imperioso e exato, dotado de intelecto, um prodígio em eloquência natural; de alma claramente criada apenas “um pouco abaixo dos anjos”; contudo um escravizado, sim, um escravizado fugitivo, atemorizado por sua segurança, mal ousando acreditar que em solo americano fosse possível encontrar uma única pessoa branca que, mesmo diante de todos os perigos, pudesse lhe oferecer amizade, pelo amor de Deus e da humanidade.

Capaz de grandes realizações como ser intelectual e moral, não precisando de mais nada além de uma pequena quantidade de sabedoria para tornar-se um ornamento para a sociedade e uma bênção para a sua **raça**; no entanto, pela lei da terra, pela voz das pessoas, pelos termos do código de escravizados, ele era apenas uma propriedade, um animal de carga, um bem pessoal!

Um querido amigo de New Bedford conseguiu persuadir o senhor DOUGLASS a falar na

convenção. Ele chegou ao palanque com hesitação e embaraço, acompanhantes inevitáveis de uma mente sensível em uma posição tão nova. Após pedir desculpas por sua ignorância, e lembrando ao público que a escravidão era uma escola pobre para o intelecto e o coração humanos, ele começou a narrar alguns fatos de sua própria história como escravizado e, durante seu discurso, apresentou muitos pensamentos nobres e reflexões emocionantes. Assim que ele se sentou, eu me levantei cheio de esperança e admiração e declarei que **PATRICK HENRY**, de fama revolucionária, nunca havia feito um discurso mais eloquente pela causa da liberdade do que o que acabáramos de ouvir daquele fugitivo perseguido. Assim eu pensava na época e assim penso agora. Recordei ao público o perigo que rondava esse jovem homem do Norte, que havia emancipado a si próprio, mesmo em Massachusetts, solo dos Pais Peregrinos, entre os descendentes dos antepassados revolucionários; e apelei aos presentes, perguntando se permitiriam que ele fosse levado de volta à escravidão – independentemente de lei, independentemente de Constituição. A resposta foi unânime e pareceu um trovão: “NÃO!”. “Vocês irão socorrê-lo e protegê-lo como um semelhante, um residente deste velho Bay State?” “SIM!”, a massa gritou, com uma energia tão surpreendente que os impiedosos tiranos ao sul da linha Mason-Dixon poderiam ter ouvido aquela poderosa explosão de sentimento e a reconhecido como um compromisso de determinação invencível, por parte de quem a expressou, de nunca trair os fugitivos, mas de escondê-los e suportar com firmeza as consequências.

De imediato, ficou impressa em minha mente a ideia de que, se o senhor DOUGLASS pudesse ser persuadido a dedicar seu tempo e seu talento à promoção da luta contra a escravidão, um poderoso ímpeto seria dado à causa e um forte golpe seria infligido aos preconceitos do Norte

Patrick Henry (1736-1799) foi um dos heróis da independência dos Estados Unidos, sendo considerado um dos “pais fundadores” do país. Advogado e político branco da Virgínia, chegou a ter escravizados em seu nome, mas entendeu o absurdo daquilo e passou a lutar pela abolição da escravatura.

Pais Peregrinos é o nome com um quê de romântico dado a um dos primeiros grupos de ingleses a ir morar nos Estados Unidos. Era uma turma de umas cem pessoas, famílias de protestantes desgostosos com os rumos da Igreja Anglicana.

O estado de Massachusetts tem o apelido de **Bay State** porque tem no litoral as baías de Narragansett, Buzzards, Cape Cod e Massachusetts.

A **linha Mason-Dixon** demarcava a divisa entre Pensilvânia, Maryland, Delaware e Virgínia, separando informalmente os estados do Norte, sem escravidão, e os do Sul, com escravidão. Hoje, se fala em linha Mason-Dixon quando se quer apontar as diferenças culturais, sociais e políticas entre uma área e outra.

John A. Collins era um funcionário branco da Sociedade Antiescavidão de Massachusetts que, além de promover o movimento abolicionista, era olheiro – caçador de novos talentos que ajudassem a levar adiante a ideia do fim da escravidão. No caso aqui, do Douglass, o John foi treinando o cara, dando dicas e muitas vezes o acompanhando nos eventos.

contra os negros. Assim, esforcei-me por incutir esperança e coragem em sua mente, a fim de que ele pudesse usar envolver-se em uma vocação tão anômala e de tanta responsabilidade para uma pessoa em sua situação; fui auxiliado, nesse esforço, por amigos amorosos, em especial

pelo agora falecido agente geral da Sociedade Antiescavidão de Massachusetts, o senhor **JOHN A. COLLINS**, cujo parecer nesse assunto coincidiu com o meu próprio. No início, o senhor Douglass não nos deu nenhum incentivo; com um acanhamento sincero, ele manifestou sua convicção de que não seria a pessoa adequada para a realização de uma tarefa tão grandiosa; o caminho a ser traçado era desconhecido; ele estava realmente apreensivo por achar que poderia fazer mais mal do que bem. Após muita

deliberação, no entanto, ele concordou em fazer um teste e, desde então, tem atuado como conferencista sob a proteção da Sociedade Antiescavidão de Massachusetts e a dos Estados Unidos. Seus esforços têm sido numerosos; seu sucesso no combate aos preconceitos, em ganhar adeptos e incitar a mente pública, ultrapassou em muito as expectativas mais otimistas formuladas no início de sua brilhante carreira. Ele comportou-se com gentileza e mansidão e, ao mesmo tempo, com nobreza de caráter. Como orador público, destaca-se em *páthos*, eloquência, comparação, imitação, força de raciocínio e fluência de linguagem. Há nele a junção de mente e coração, indispensável para a iluminação das mentes e a conquista dos corações dos outros. Que sua força se mantenha inalterada! Que ele continue a “crescer na graça e no conhecimento de Deus” e possa ser cada vez mais útil à causa do expurgo da humanidade, seja em seu país, seja fora dele!

É, sem dúvida, um fato notável que agora, para a opinião pública, um dos mais eficientes defensores da população escravizada seja um escravizado em fuga, na pessoa de **FREDERICK DOUGLASS**; e que a população negra livre dos Estados Unidos seja tão habilmente representada

“Crescer na graça e no conhecimento de Deus” é outra citação tirada da Bíblia. No caso, da Segunda Epístola de Pedro, 3:18.

Expurgo > purificação.

por um dos seus, na pessoa de **CHARLES LENOX REMOND**, cujos apelos eloquentes conquistaram os mais estrondosos aplausos de multidões de ambos os lados do Atlântico. Que os caluniadores de negros sejam desprezados por sua baixaza e iliberalidade de espírito e, desde já, deixem de falar em inferioridade natural daqueles que precisam tão somente de tempo e oportunidade para atingir o ponto mais alto da excelência humana.

Talvez seja oportuno indagar se qualquer outra parcela da população da Terra poderia ter suportado as privações, os sofrimentos e os horrores da escravidão sem ter se degradado mais na escala da humanidade do que os escravizados de origem africana. Tudo foi feito para aleijar seus intelectos, turvar suas mentes, aviltar sua natureza moral, obliterar todos os traços de sua relação com a humanidade; e, no entanto, eles suportaram admiravelmente uma carga gigantesca da mais terrível escravidão, sob a qual ecoam seus gemidos há séculos! Com o intuito de ilustrar o efeito da escravidão sobre o homem branco – e mostrar que, em tais condições, ele não tem poder de resistência superior ao de seu irmão negro –, **DANIEL O'CONNELL**, ilustre defensor da emancipação universal, o mais bem-sucedido de uma prostrada mas não conquistada Irlanda, relata a seguinte anedota, em discurso proferido no Conciliation Hall, em Dublin, perante a **Loyal National Repeal Association**, no dia 31 de março de 1845: “Não importa que termo ilusório usemos para disfarçar, a escravidão não deixa de ser hedionda”, disse o senhor O'CONNELL. “*Ela tem a tendência natural e inevitável de brutalizar todas as nobres faculdades do ser humano.* Um marinheiro americano naufragou na costa do continente africano e foi ali mantido como escravizado por três anos; ao final desse período, foi encontrado

Negro nascido livre em Salém, em Massachusetts, **Charles Lenox Remond** era, até a chegada do Douglass, o mais renomado palestrante não branco em eventos em prol da abolição. Foi também uma voz atuante na causa dos direitos das mulheres e deixou sua marca na luta contra a segregação de brancos e negros, em especial nos trens.

Em 1840, o Charles entrou num navio que **cruzou o oceano Atlântico** para participar da Convenção Mundial Antiescravidão de Londres, na Inglaterra, onde sua palestra recebeu uma chuva de aplausos. Por lá, ele foi o único afro-americano presente.

Iliberalidade > mesquinhez.

Na Irlanda do final do século XVIII, a maioria da população era católica. Só que eram os protestantes ingleses que mandavam ali, e, seguindo as ordens do rei, eles haviam cortado vários direitos dos católicos. **Daniel O'Connell** foi o líder de um movimento que lutou pra acabar com essa injustiça. E, entre outras coisas, ele apoiava também a abolição da escravatura, numa espécie de parceria com os abolicionistas dos Estados Unidos.

A **Loyal National Repeal Association** era a associação criada e liderada pelo O'Connell. Sua luta para repelir as novas medidas impostas pelos britânicos sobre os irlandeses católicos obteve algum sucesso, conseguindo estancar o avanço sobre os direitos deles, que tinham ficado sempre na pior.

Estultificado > imbecilizado.

Algaraviada é uma fala difícil de entender. (Cuidado aqui porque há um cunho preconceituoso: algaravia é sinônimo da língua árabe, escrita ou falada.)

O pessoal do Sul dos Estados Unidos defendia a ideia da escravidão dizendo que aquilo era uma tradição já deles, da região, que era uma instituição das casas e das famílias brancas, uma **instituição doméstica**.

“**Cujo braço não está encolhido a ponto de não ser capaz de salvar**” recorre ao livro de Isaías, 59:1: “Eis que a mão do Senhor não está encolhida, para que não possa salvar; nem agravado o seu ouvido, para não poder ouvir”.

embrutecido e **estultificado**: ele havia perdido todo o poder de raciocínio; e, tendo esquecido sua língua materna, era capaz de proferir apenas algumas **algaraviadas** selvagens entre o árabe e o inglês, as quais ninguém conseguia compreender e que ele mesmo encontrava dificuldade em pronunciar. Aí está a influência humanizadora da **INSTITUIÇÃO DOMÉSTICA**.” Mesmo considerando que esse foi um caso extraordinário de deterioração mental, prova-se, ao menos, que o escravizado branco pode afundar-se tanto na escala da humanidade quanto o negro.

O senhor DOUGLASS decidiu escrever ele mesmo sua *Narrativa*, com seu estilo próprio e de acordo com o melhor de sua capacidade, em vez de fazê-lo por meio de outra pessoa. Trata-se, portanto, de produção inteiramente sua, e, considerando como foi longa e amarga a jornada que foi obrigado a percorrer como escravizado e quão poucas têm sido as oportunidades de aperfeiçoar sua mente desde que conseguiu livrar-se de seus grilhões, isso é, a meu ver, bastante meritório para sua mente e seu coração. Aquele que puder ler seu texto com atenção e sem lacrimejar, sem ter o peito agitado, sem se encher de uma aversão indizível pela escravidão e por todos os seus incitadores e de determinação para buscar a derrubada imediata desse sistema execrável; quem puder ler esse texto sem temer pelo destino deste país nas mãos de um Deus justo, o qual está sempre ao lado dos oprimidos e cujo braço não está encolhido a ponto de não ser capaz de salvar, deve ter um coração duro e ser qualificado para desempenhar o papel de traficante de “escravizados e de almas humanas”. Tenho confiança em que esta *Narrativa* é verdadeira em todas as suas declarações, que, nela, nada foi apresentado com malícia, exacerbado ou fantasiado, e fica aquém da realidade, em vez de exagerar um único fato no que diz respeito à **ESCRAVIDÃO COMO ELA É DE FATO**. A experiência de FREDERICK DOUGLASS, como escravizado, não foi peculiar; seu destino não foi particularmente árduo; seu caso pode ser considerado um exemplo bastante preciso do tratamento dos escravizados em Maryland, estado em que se admite que eles são mais bem alimentados e tratados menos

cruelmente que na Geórgia, no Alabama ou na Louisiana. Muitos sofreram mais nas plantações, enquanto bem poucos sofreram menos que ele. No entanto, quão deplorável era a sua situação! Que castigos horríveis foram infligidos a ele! Que ultrajes ainda mais chocantes foram perpetrados em sua mente! Com todos os seus nobres poderes e as suas sublimes aspirações, ele foi tratado como um bruto, mesmo por aqueles que professavam ter o mesmo entendimento que havia em Jesus Cristo! A que obrigações terríveis estava sempre sujeito, privado de conselho amigo e ajuda, mesmo em seus piores extremos! Quão implacável foi a meia-noite de aflição que envolveu de escuridão seu último raio de esperança e encheu seu futuro de terror e pessimismo. Que desejos de liberdade tomaram posse de seu peito e como sua miséria aumentava à medida que crescia em reflexão e inteligência – demonstrando, assim, que um escravizado feliz é um homem extinto! Quanto refletiu, raciocinou, sentiu, sob o chicote de seu algoz e com correntes em seus membros! Que perigos encontrou em seus esforços para escapar de seu terrível destino! E quão notáveis têm sido sua libertação e sua preservação em meio a uma nação de inimigos impiedosos!

Esta *Narrativa* contém muitos episódios comoventes, muitas passagens de grande eloquência e poder, mas acredito que a mais emocionante de todas é a descrição que DOUGLASS faz de seus sentimentos enquanto refletia sobre seu destino e as possibilidades de um dia vir a ser um homem livre, nas margens da baía de Chesapeake, vendo os navios que se afastavam enquanto suas asas brancas voavam com a brisa, apostrofando-as como se animadas pelo espírito vivo da liberdade. Quem pode ler essa passagem e ser insensível ao seu *páthos* e à sua sublimidade? Contida nela está toda uma biblioteca de Alexandria de pensamento, sensibilidade e sentimento – tudo o que pode, tudo o que precisa ser instigado, na forma de queixa, súplica, repreensão, contra o crime dos crimes: fazer do homem propriedade de seu semelhante! Quão amaldiçoado é esse sistema, que sepulta a mente divina do homem, desfigura sua imagem sagrada, reduz aqueles que, pela criação, foram

A baía de Chesapeake é um grande estuário – área que mistura água de rio com água de mar – que banha a costa de Maryland, da Virgínia e da capital do país, Washington.

Em Alexandria, no norte do Egito, os gregos criaram uma grande e importante biblioteca quando eles mandavam na área, no século III a.C. O lugar servia também como centro de pesquisa.

Besta > animal.

“Não se trata do mal, e apenas do mal continuamente?”

faz referência ao trecho bíblico do Gênesis, 6:5: “E viu o Senhor que a maldade do homem se multiplicara sobre a terra e que toda a imaginação dos pensamentos de seu coração era só má continuamente”.

Esses **anjinhos** são, em inglês, os *thumb-screws* [apertadores de dedão], anéis de ferro presos a um parafuso que, quando girado, aperta-os, esmagando assim os polegares do torturado. Note aí a tristeza do sarcasmo do nome dado à coisa em português.

coroados com glória e honra ao nível de **bestas** de quatro patas e exalta o comerciante de carne humana acima de tudo o que se chama Deus! Por que deveria a existência desse sistema ser prolongada por uma hora mais sequer? **Não se trata do mal, e apenas do mal continuamente?** O que implica a sua presença senão a ausência de todo temor a Deus, de toda a consideração pelo ser humano, por parte do povo dos Estados Unidos? Que os céus acelerem sua derrota eterna!

Muitas pessoas são tão ignorantes da natureza da escravidão que permanecem teimosamente incrédulas ao ler ou ouvir qualquer relato das crueldades que são infligidas todos os dias às suas vítimas. Não negam que os escravizados sejam tratados como propriedade, mas esse terrível fato parece não lhes transmitir alguma ideia de injustiça, exposição a ultrajes ou selvagem atrocidade. Conte-lhes dos flagelos cruéis, das mutilações e marcações a ferro quente, das cenas de desonra e sangue, do banimento de toda luz e de todo o conhecimento, e elas se mostram muito indignadas diante de tais exageros, da grande quantidade de declarações errôneas, das calúnias abomináveis a respeito do caráter dos fazendeiros do Sul! Como se todos esses horríveis ultrajes não fossem resultados naturais da escravidão! Como se fosse menos cruel reduzir um ser humano à condição de coisa do que submetê-lo a severa flagelação ou privá-lo de alimentos e roupas necessários! Como se chicotes, correntes, **anjinhos**, palmatórias, cães de caça, supervisores, feitores e patrulhas não fossem todos indispensáveis para manter o domínio sobre os escravizados e proteger seus impiedosos opressores! Como se, ao abolirmos a instituição do casamento, o concubinato, o adultério e o incesto não fossem se tornar abundantes; ao aniquilarmos todos os direitos da humanidade, alguma barreira pudesse permanecer capaz de proteger a vítima da fúria do saqueador; ao assumirmos um poder absoluto sobre a vida e a liberdade, ele não passasse a ser exercido de modo destrutivo! Esse tipo de cético abunda na sociedade. Em alguns poucos casos, sua incredulidade é consequência

da falta de reflexão, mas em geral indica um ódio à luz, um desejo de proteger a escravidão dos ataques inimigos, um desprezo pelos negros, sejam eles escravizados ou livres. Essas pessoas tentarão desacreditar os relatos chocantes, marcados pela crueldade da escravidão, registrados nesta fidedigna *Narrativa*, mas será um esforço vão. Com franqueza, o senhor DOUGLASS revelou seu local de nascimento, o nome dos que reivindicaram a propriedade de seu corpo e sua alma e os nomes dos que cometeram os crimes presentes em suas alegações. Portanto, suas declarações podem ser refutadas, se não forem verídicas.

Ao longo de sua *Narrativa*, ele relata dois casos de crueldade assassina: em um deles, um fazendeiro mata deliberadamente um escravizado pertencente a uma fazenda vizinha, que havia entrado em sua propriedade por acidente durante uma pescaria; e, em outro, um supervisor estoura os miolos de um escravizado que havia fugido para um córrego, a fim de escapar de um flagelo sangrento. O senhor DOUGLASS afirma que em nenhum desses casos tomou-se providência por meio de prisão legal ou de investigação judicial. O jornal *Baltimore American* de 17 de março de 1845 publicou um caso de semelhante atrocidade, perpetrado com a mesma impunidade, como se segue: “*Escravizado assassinado*. Soubemos, por meio de uma carta do condado de Charles, em Maryland, recebida por um cavalheiro desta cidade, que um jovem, chamado Matthews, sobrinho do general Matthews, e cujo pai, segundo se crê, trabalha em um escritório em Washington, matou um dos cativos da fazenda de seu pai com um tiro. A carta afirma que o jovem Matthews, a cargo da fazenda, deu uma ordem ao escravizado e foi desobedecido, quando então se dirigiu à casa, *pegou uma arma e, voltando, disparou contra o cativo*. Ele fugiu imediatamente, continua a carta, para a residência de seu pai, onde ainda permanece sem ser molestado”. Importante não esquecer que nenhum escravocrata ou capataz pode ser condenado por qualquer ultraje infligido contra a pessoa de um escravizado, por mais diabólico que seja, tendo como base o depoimento de pessoas negras, livres ou não.

Flagelo > castigo físico. No caso, é uma surra de chicote.

De acordo com o código dos escravizados, essas pessoas são consideradas incompetentes para testemunhar contra um homem branco, como se fizessem, de fato, parte da criação animal. Dessa forma, não existe proteção legal de fato, seja qual for a forma, para a população escravizada; e qualquer volume de crueldade lhe pode ser infligido com impunidade. É possível para a mente humana conceber uma sociedade em estado mais horrível?

O efeito dos atos de fé religiosa na conduta dos senhores de escravizados do Sul é descrito de modo vívido na *Narrativa* que se segue e mostrou ser qualquer coisa, menos salutar. Pela natureza do caso, deve ser pernicioso no mais alto grau. O testemunho do senhor DOUGLASS, a esse respeito, é sustentado por uma nuvem de testemunhas, cuja veracidade é incontestável. “A declaração de fé cristã de um senhor de escravizados é uma impostura palpável. Trata-se de um criminoso da mais alta categoria. Um sequestrador. Não tem importância alguma o que é colocado do outro lado da balança.”

Leitor! Sua simpatia e propósito estão com os sequestradores ou do lado de suas vítimas oprimidas? Se estiverem

com os primeiros, então é inimigo de Deus e do homem. Se estiverem com os últimos, o que está disposto a fazer e a ousar em nome deles? Seja fiel, seja vigilante, seja incansável em seus esforços para destruir cada jugo e libertar os oprimidos. Aconteça o que acontecer, custe o que custar, inscreva na flâmula que se desenrola ao vento, como seu lema religioso e político: “NENHUMA CONCESSÃO À ESCRAVIDÃO! NENHUMA LIGAÇÃO COM OS SENHORES DE ESCRAVIZADOS!”.

William Lloyd Garrison (1805-1879) foi jornalista e figura importante no movimento abolicionista dos Estados Unidos. Fundou o jornal *The Liberator* e ajudou a organizar a Sociedade Antiescravagista da Nova Inglaterra e, logo depois, a Sociedade Americana Antiescravidão – as primeiras organizações a lutar pela abolição nos Estados Unidos.

WM. Lloyd Garrison

Boston, 1ª de maio de 1845

CARTA DO EX^{MO} WENDELL PHILLIPS

BOSTON, 22 DE ABRIL DE 1845

Meu querido amigo,

você deve lembrar-se da velha fábula “O homem e o leão”, em que, em tom de crítica, o leão afirma que a representação que fazem dele não seria tão deturpada “se os leões escrevessem a história”.

Alegro-me de que tenha chegado o dia em que “os leões escrevem a história”. Já passamos tempo demais avaliando o caráter da escravidão por meio das provas involuntárias dos senhores de escravizados. Podemos ficar satisfeitos com o que costuma ser o resultado da análise dessas provas, sem ir mais longe para investigar se tal resultado se confirma em todas as instâncias. De fato, aqueles que vigiam um galão de milho por semana e adoram contar as chicotadas nas costas dos escravizados raramente são a “substância” de que são feitos os reformadores e abolicionistas. Recordo-me de que, em 1838, muitos esperavam pelos resultados da experiência nas Índias Ocidentais antes de virem para as nossas fileiras. Esses “resultados” já chegaram há muito tempo; mas, infelizmente, com eles, houve poucos convertidos. Um homem deve estar disposto a julgar a emancipação com base em outros critérios que não o de a produção de açúcar ter sido aprimorada – além de odiar a escravidão por outras razões que não

O inventor das fábulas, o grego Esopo, que viveu de 620 a.C. a 564 a.C., escreveu “O homem e o leão”.

Geralmente, os reformadores são aquele pessoal que quer mudar para melhor muitas coisas, seja a sociedade, seja a Igreja etc. O termo é bastante usado para batizar dissidências religiosas.

Em 1833, o Reino Unido impôs uma **nova legislação** para as **Índias Ocidentais** – nome dado às colônias britânicas na América, com exceção do Canadá. Essas leis estabeleciam o fim da escravidão e o início de um sistema de aprendizagem em que os ex-escravizados continuavam trabalhando de graça para os seus ex-proprietários por vários anos. Por pressão do povo britânico, no entanto, o governo teve que dar um passo à frente e extinguir legalmente a escravidão de forma direta em **1838**. A propósito: o nome “Índias Ocidentais” surgiu porque Cristóvão Colombo, no fim do século XV, pensou que tinha chegado à Índia, não a um continente ainda desconhecido pelos europeus – e, embora tenha praticamente caído em desuso, ainda é usado por bastante gente.
